

RIO DE JANEIRO, RJ, 12 DE MARÇO DE 1997

Senhor Presidente Jacques Chirac,

Eu peço licença a Vossa Excelência para dirigir umas poucas palavras aos meus conterrâneos brasileiros e aos meus quase conterrâneos franceses, todos amigos, todos bem recebidos por nós, como sempre fomos também bem recebidos pela França.

E vou pedir licença ao Governador Marcello Alencar, ao Cardeal Dom Eugênio Salles e ao Prefeito Conde para falar um pouco não apenas como Presidente da República, mas como alguém que nasceu aqui, no Rio de Janeiro, como carioca, que, por certo, não recuso nunca a minha formação paulista e meu espírito brasileiro.

Gostaria de agradecer, se me permitem, outra vez, o que mencionei: o fato de o Presidente da República francesa ter estado aqui, hoje, no Rio de Janeiro. E veio não apenas para esse encontro de amizade, mas também para a inauguração de uma importante exposição de Claude Monet, o que deu à visita do Presidente Chirac um toque que era essencial, um toque cultural à sua presença no Brasil.

E não há cidade melhor no nosso país para receber essa homenagem do Presidente Chirac, no que diz respeito à cultura, que o Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro, que esteve sempre ligado à França; o Rio de Janeiro, que, desde a vinda para cá – é verdade que fugindo de Napoleão – do imperador de Portugal, do Rei de Portugal, se tornou, também, um centro cultural fortemente influenciado pelos franceses, que, mais tarde, vieram e marcaram esta cidade com a sua presença, com a sua arquitetura, com um certo gosto, muito específico, que, de alguma forma, fundiu a cultura francesa com aquilo que, aqui, é inescapável: esse toque tropical que o Rio de Janeiro tem.

O Rio de Janeiro, Senhor Presidente, é a grande cidade tropical. Trópico e grande cidade não vão sempre juntos, não é uma mistura fácil, é uma mistura difícil. O Rio de Janeiro soube ser uma grande cidade dos trópicos. Mas, às vezes, sofremos um pouco o calor, como Vossa Excelência próprio. Mas tudo isso dá mais ainda apelo local. Mostra ainda o que significa esta cultura brasileira, aqui, no Rio de Janeiro, que é plástica, que é uma cultura daquelas que são fáceis de ser percebidas, que se entregam com facilidade.

E se o Presidente Chirac já sentiu, lá em Brasília, a acolhida brasileira, certamente aqui, no Rio de Janeiro, essa acolhida desborda, essa acolhida está por todos os lados. E a presença maciça de todos que aqui estão é a demonstração inequívoca da satisfação que o Rio tem de recebê-lo como Presidente da França.

Agradeço, portanto, imensamente, a sua presença aqui.

Há, também, um outro lado simbólico: esse encontro se dá no Palácio do Itamaraty, no antigo Palácio do Ministério das Relações Exteriores, num momento em que o Brasil e a França têm tantos pontos em comum na redefinição da ordem mundial, num momento em que nós sentimos, cada vez mais, a necessidade que, tenho certeza hoje, é recíproca, de estarmos juntos nos vários fóruns que existem pelo mundo, para discutirmos o futuro da humanidade, o futuro dos nossos países.

Quero terminar dizendo... Alors je me permets de vous dire quelque chose en Français et dire à vous, Mr. le Président, que ce n'est pas simplement vous qui avez témoigné ce sentiment d'être à l'aise chez nous et

d'amitié, et plusieurs fois, vous êtes toujours très généreux lorsque vous parlez du Président du Brésil et, maintenant, de ma femme aussi, mais nous aussi nous nous sentons très fiers de votre amitié. Je me permets de finir en vous disant, mon cher ami Jacques, merci beaucoup.

